

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

15 de Março de 1863.

XIII.

SUMMARIO.

	Pags.		Pags.
Esboço biographico, por F. X. DE NOVAES . . .	405	Dinheiro, por F. X. DE NOVAES. . .	428
Verdade e singelesa, por NINGUEM. . .	416	Pensamento intimo, por A. M. MUNIZ MATA. . .	431
Visita Imperial, pelo Dr. LUIZ DELFINO . . .	421	Amor sem fim, por M. REIS FOJO SEABRA . . .	432
O accordar da Polonia, por MACHADO DE ASSIS. . .	425	Chronica, por MACHADO DE ASSIS . . .	434

RIO DE JANEIRO.

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.



Manuel Jorge Noiz

ESBOÇO BIOGRAPHICO.

Em outras eras, mais felizes, talvez, do que a nossa; quando o povo, menos instruído e mais sincero, julgava privilegio dos grandes a discussão sobre os altos destinos das nações, o resplendor da gloria adquirida pelas armas, offuscava com seu deslumbrante fulgor o dos laureis grangeados pelas letras.

Estes, plantados no remanso da paz, só florescia em terreno elevado, onde raramente chegava a admiração do povo; aquella, espargindo o seu brilho em mais vasto campo, attrahia a attenção de todos, fascinava igualmente o plebeu e o nobre.

O povo, na sua vida laboriosa e productiva, simples e ditosa, tinha por sua unica missão na terra o trabalho, agradecia á Providencia, em orações piedosas, os recursos de que se alimentava, e nem procurava comprehender o destino do escriptor, se lhe soasse aos ouvidos uma voz reveladora de tal existencia. Sabia, porém, e repetia mil vezes as tradições antigas, adulteradas na phrase, mas sempre verdadeiras e honrosas na substancia, transmittia a seus filhos, em praticas singelas, o respeito á memoria dos grandes vultos d'outros tempos, e sabia de cór os nomes de

« Albuquerque terrivel, Castro forte,

« E outros, em quem poder não teve a morte. »

Eram-lhe desconhecidos os nomes dos sabios, e se algum delles, mais prodigamente favorecido pela natureza, podia mostrar

« Para servir-vos, braço ás armas feito,

« Para cantar-vos, mente ás Musas dada, »

o povo admirava o valor do braço, referia os seus feitos prodigiosos, sem indagar ao menos quem eram as decantadas Musas!

E assim, desde o conquistador ousado até ao soldado obediente e valoroso, repartia-se a fama, que assombra, e o respeito que avassalla!

A civilisação, abrindo mais amplo caminho ás conquistas intellectuaes; disseminando profusamente, e por toda a parte, o salutar

influxo da sciencia e das artes, foi, pouco a pouco, inculcando no animo dos povos a idéa do progresso, que se oppõe ao embate e força contra a força, deixando livre o campo ás lutas da intelligencia.

Nobre pensamento! Nobilissima aspiração, essa que induz a humanidade a ligar-se em fraternal abraço, promovendo o estímulo entre as nações, buscando supplantar o prestigio adquirido por uma descoberta admiravel com a criação d'outra mais prodigiosa ainda mas deixando a cada qual a posse do que lhe pertence, sem adoptar como meio de elevação a guerra, destruidora e cruel, que eleva os seus herões a cantarem o hymno entusiastico do triumpho sobre montões de cadaveres!

Mas as grandes idéas, dominando absolutamente, levam muitas vezes os seus mais ardentes apologistas além dos limites marcados pela razão; a luz, que nos auxilia nas trevas, póde tambem cegar pela intensidade, e o precipicio de que nos livraria a prevenção absorve-nos mais facilmente quando lhe não medimos a altura.

O entusiasmo do povo pelas armas, raramente se manifesta hoje, se uma questão de autonomia não vem excitar-lhe os brios distraídos nas luctas do trabalho. Cultivam-se a sciencia e as artes promove-se, mais pelo instincto que pela protecção, a educação popular, e um panegyrico impresso exerce actualmente mais influencia no animo do povo do que a contemplação de uma vistosa farda profusamente bordada de honrosas condecorações!

E' certo que a frondosa arvore da liberdade é improductiva quando regada com sangue; mas pondere-se que, infelizmente, é muitas vezes o sangue o unico antidoto contra a pernicioso existencia dos vermes ruins que procuram minar-lhe a raiz!

A lucta das idéas, mais pacifica, de certo, mal póde dar-se na aridez do terreno que a ambição torna escabroso, gladiando audaz e descomensurada; nem é dada ao genio a faculdade de produzir, se o valor e lealdade lhe não assegurarem, pela paz, o dominio do solo em que dev fructificar.

Disse um grande escriptor portuguez: « Vive ainda a memoria de
« Athenas, e quem a salva do pélagos do esquecimento, a que o destino
« condemna as obras dos mortaes, são os monumentos que á immortalidade
« alevantaram Themistocles e Focião com suas armas; Sócrate
« e Aristides, com suas virtudes; Platão, Aristoteles, Epicuro com seus
« estudos; Eschiões e Demosthenes com sua eloquencia; Thucidides,
« Herodoto com seus annaes; com seu universal saber, e doutrina,
« grande Plutarcho; e com seus harmoniosos cantos Homero, Euripides,
« Pindaro, e Anacreonte. Vae como segura da immortalidade sobre
« a gran roda dos seculos ainda a augusta Roma, e lhe asseguram estes
« fados immortaes Scipião, Cesar, Pompeu, e Mario com sua milita
« pericia, e esforçado animo, que parece não ter cabido nos confins da
« terra conhecida. »

É realmente, digno da veneração e respeito dos homens o sabio que, superior ás vaidades do mundo, encanece na solidão do gabinete, sollicito no desempenho da gloriosa missão de illustrar o povo. Não recuse a sociedade distincções a quem já sahira distincto das mãos da natureza ; seja ennobrecido pelos homens aquelle que Deus ennobrecêra.

Mas não vale menos o ancião venerando, que, seguindo desde a moidade a carreira das armas, passára o melhor tempo da vida no serviço da patria, exposto a mil contrariedades e perigos, obedecendo sempre á voz imperiosa da lei, reprimindo a seu mando os transgressores, assegurando a ordem, sem a qual não póde haver prosperidade.

Vêdes o velho militar, coberto de cans, vergado ao peso dos annos, gasto pelos trabalhos e privações inherentes á sua carreira ?

Vêdel-o, firme como a columna, que ainda depois de carcomida, é o sustentaculo do edificio que habitamos, e que, sem esse apoio, desabaria sobre nós, sumindo-nos a existencia entre as ruinas?...

Respeitae-o ! Venerae-o, que bem merece o respeito e a veneração do povo !

Para todas as classes ha tempo de folga, em que se refocila o espirito, e se refaz de forças o corpo. E' o militar o unico excluido desta vantagem ; que ao buscar o repouso, no fim das horas do serviço ordinario, ainda a voz do tambor vem lembrar-lhe a sua escravidão.

Nem a recompensa pecuniaria é bastante para assegurar-lhe e á sua familia uma subsistencia abundante e honrosa, um futuro independente ! E comtudo, o militar não póde, como outro qualquer cidadão, abandonar a carreira que encetára, por outra mais commoda e lucrativa. Distinguem-n'o as condecorações que designam annos de serviço, ou evidentes provas de lealdade e valor ; mas quem sabe se cada médalha das que lhe bordam a farda cobrirá uma cicatriz profunda, no peito onde mil vezes batêra um coração sensível, obrigado pelo dever a sacrificar ao serviço do estado os prazeres da vida domestica, longe dos entes que lhe são mais caros !

Que importa que elle seja pai extremoso, filho obediente, esposo dedicado, se a voz da natureza é suffocada pela da lei, que o manda ser militar, e nada mais ?

Não seria ousadia dizer que entre os louros ceifados pela espada, ou pintados pela penna, ha quasi a differença que separa a realidade da ficção.

Nasceram estas considerações do desejo de consagrar algumas paginas á memoria de um dos vultos mais notaveis da moderna historia do Brazil ; um militar distincto pelo valor, pela energia e pela lealdade ; distinctissimo pela firmeza de character, pelo rigor no cumprimento do dever, pela probidade inconcussa, pela magnanimidade do coração.

A escassez de documentos historicos, difficuldade importante sempre, é mais sensível, decerto, para quem se estreia neste genero de

trabalho. O que vai ler-se é apenas uma homenagem ao mérito, um esboço biographico do general

MANOEL JORGE RODRIGUES.

Manoel Jorge Rodrigues, filho de Jeronymo Rodrigues, honrado negociante da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Joanna Maria da Conceição Rodrigues, nasceu naquella cidade, no dia 23 de abril de 1777.

Destinado por seus paes á carreira commercial, e habilitado já pelos exames na instrucção primaria, matriculou-se na aula de Commercio, que frequentou algum tempo, com notavel aproveitamento; mas existia já no fundo d'aquella alma o germen da futura gloria; a tempera do caracter que apenas começava a revelar-se, não prometia amoldar-se ás exigencias das lides commerciaes, em que nem sempre a rectidão conduz á prosperidade. Impellido pelo dominio de um poder occulto, o joven estudante abandonou as aulas, e assentou praça no exercito, no dia 18 de Setembro de 1794, com pouco mais de 17 annos de idade.

Entrando nas campanhas de 1800 a 1801, foi subindo gradualmente os postos inferiores, apontado já pela sua austeridade e bom procedimento.

Não era o neto de distinctos avoengos, apresentando como jus ás promoções titulos provenientes do acaso; era o simples militar, guiado pela vocação, que, fitando os olhos no futuro, vendo diante de si a escada que devia elevá-lo, não poupava sacrificios, conscio de que em cada degrau assim transposto, deixava marcada uma prova da sua obediencia á lei, de um serviço ao estado.

Tendo sido promovido a alferes, por decreto de 24 de julho de 1807, foi pouco depois proposto tenente, e nomeado em seguida capitão, por commissão, encarregado de organizar o 1º batalhão de caçadores, no qual fez toda a campanha da Peninsula como capitão effectivo, commandando por vezes o corpo, interinamente, pela confiança que inspirava ao marechal Beresford, cujo tino militar o não deixava enganar-se.

A' frente deste aguerrido batalhão assistiu a todas as campanhas, desde 1808 até 1814; na acção de Côa, em 24 de Julho de 1810; na batalha do Bussaco, em 26 e 27 de Setembro seguinte; nas acções de Pombal, Redinha, Flôr de Arouca e Sabugal; na de Fuentes de Honor, em 5 de Maio de 1811; no cerco e assalto da Ciudad Rodrigo, de 5 a 19 de Janeiro de 1812; em Badajoz, de 17 de Março a 6 de Abril; em Tordecillas, em 18 de Julho, em S. Munoz, em 17 de Novembro, e assim em quantas acções se deram até Dezembro de 1813, sempre o distincto official occupou dignamente o seu posto, sem um dia de licença, sem tirar ao serviço uma hora para descanso, nem quando um leve ferimento, na acção de Vera, em 31 de Agosto, justificaria sobejamente a ausencia de alguns dias.

Elogiado por vezes nas ordens do dia, galardão que se não barateava nesse tempo, ainda duas medalhas de distincção vieram assignalar a intrepidez, a energia e o tino com que se houvera, no commando do batalhão, nas batalhas de Orthez, em 27 de Fevereiro, e de Toulouse, em 10 de Abril de 1814!

Austero como chefe, benevolo como pae, Manoel Jorge não podia occultar a affeição que votava aos seus inferiores, a muitos dos quaes havia assentado praça. E' prova exuberante desta asserção o seguinte factó, bem digno de mencionar-se.

Corriam impetuosas as aguas do Côa, quando se tentava a passagem proximo a Castel Rodrigo. Os alferes Antonio Osorio de Magalhães, e seu irmão José Osorio de Magalhães, pretendiam vencer a torrente, ligando-se pelos braços; foi proficua a mutua coadjuvação até ao momento em que, por força maior, ou por acaso, se desviaram do váo.

Ahi seria inevitavel a morte de ambos, se lhes não valesse extranho auxilio. O magnanimo coração do corajoso commandante não pôde sêr insensivel ao perigo dos seus queridos subalternos, que observava da margem. Esquecendo o risco da propria vida, o major Manoel Jorge Rodrigues precipitou-se rapidamente sobre as aguas, confiado na força do possante cavallo que montava! Foi perigosa a luta, mas correspondeu-lhe o triumpho. Pouco tempo depois appareceu na margem opposta o brioso official, com os dous mancebos, que teriam, sem o seu soccorro, desaparecido na voragem!

Nas colonias hespanholas agitava-se o sangue ardente d'aquella raça; a aspiração de liberdade dominava exclusivamente no animo d'aquelle povo, e o brado de independencia sôu estrepitoso e prolongado. Organizavam-se os vice-reinados, com mais ou menos firmesa, como o permittiam as circumstancias, sempre difficeis em taes situações; mas no governo de Montevidéo reinava o despotismo, e era incerto o futuro.

A' Côrte do Brasil não podia passar desapercibido este movimento, e, ou fosse pelo desejo de obter os seus limites naturaes, ou de afastar das fronteiras do imperio a anarchia que começava a desenvolver-se, mandou vir de Portugal uma divisão de 4,800 homens, composta das tres armas, para auxiliar as tropas do Brasil na occupação d'aquella provincia.

Manoel Jorge Rodrigues foi então encarregado da organização do 1º batalhão de caçadores d'aquella divisão, que veio commandando, no posto de tenente-coronel, entrando no Rio de Janeiro em 30 de Março de 1816.

Embarcando aqui, para Santa Catharina, seguiu a divisão por terra até Montevidéo, onde entraram as tropas, portuguezas e brasileiras, em Janeiro de 1817, conservando-se na linha interna o 1º batalhão, até Maio de 1818, em que marchou para a Colonia do Sacramento, onde uma divisão da esquadra, coadjuvada por muitos moradores da cidade, arvorara a bandeira portugueza.

Difficil seria, certamente, conformar o animo dos povos com a sua nova situação, se o brioso commandante não reunisse á energia e tino militar; a necessaria prudencia para conservar a boa ordem : assim, occupada militarmente a praça, foi seu primeiro cuidado a reparação das fortificações, de que mais tarde devia precisar.

Não foram notaveis os feitos de armas do 1º batalhão de caçadores nessa época; distinguio-se, porém, pela disciplina, que conservou inalteravel; e ao passo que a falta de camas e de mantas durante os invernos de 1816 e 1817; a escassez de viveres e assiduidade no mais penoso trabalho, produziam em outros corpos uma agitação que infundia receios, não se deu n'aquelle batalhão o mais leve signal de insubordinação que perturbasse o animo do commandante, elogiado sempre pelas autoridades hespanholas.

Quando, em 1821, foi proclamada revolucionariamente, e jurada, a Constituição em Montevideo, pelos Corpos que ali existiam, foi installado um conselho militar, para vigiar pela rigorosa execução das leis. Altamente incompativel com a disciplina, este acontecimento foi precursor de outros, inevitaveis em semelhantes crises, e contrarios á boa ordem.

Dominava o espirito de partido, succediam-se as arbitrariedades e a anarchia desenfreada seria o resultado fatal de tão perigosa oscillação!

A' vista disto deliberou Manoel Jorge Rodrigues, sendo já governador da praça, oppôr uma forte resistencia aos actos do conselho militar, dispondo-se convenientemente para soffrer as consequencias dessa opposição.

Do campo dos sublevados partiram emissarios á Colonia, reclamando a sua adhesão ao movimento, sendo completamente baldados todos os esforços nesse sentido. Restava ainda o recurso da traição, e foi esse aproveitado na tentativa de alliciar soldados para prenderem o commandante, e conduzi-lo a Montevideo; mas brevemente foi reconhecida a impotencia do meio, tornando-se mais saliente a influencia que exercia sobre os seus subordinados o temido adversario.

Mais de um anno havia decorrido em pretenções inuteis, quando, em Setembro de 1822, sahio de Montevideo o Visconde da Laguna, reunindo-se ao Brigadeiro Marques, com o intuito de proclamarem a Independencia. Foi então offerecido a Manoel Jorge o commando da Divisão, que elle regeitou nobremente, sem deixar uma tangente para a insistencia.

Dotado de um caracter firme e inabalavel; desconhecendo atalhos que o desviassem da estrada da honra, que seguia sempre, e a todo o custo, seria Manoel Jorge facil de illudir em sua boa fé, em quanto os esforços dos seus adversarios os não affastassem da orbita do dever; tinha-se, porém, attentado contra a sua lealdade; haviam-se posto em pratica os meios que a virtude não suggere, embora os adopte a ambição, e tudo isto incutiu no animo do brioso militar a desconfiança que havia de subtrahil-o á cilada.

Acabavam de desembarcar na Colonia tres officiaes, quando Manoel Jorge, chamando immediatamente outros tres, de sua confiança, ordenou que fossem presos os recém-chegados; e foi feliz a inspiração, que deliberara a ordem, por quanto aquelles tres officiaes, partindo de Montevideo para ali, de combinação com os revoltosos, haviam accedido a criminosa commissão de o levarem, morto ou vivo, ao campo adverso. Disposto já a mandar os presos para a Ilha de S. José, onde estava o Quartel General, viu chegar o coronel Antonio Pinto, com alguns officiaes que, mandados pelo Visconde da Laguna, vinham effectuar a captura, por se haver descoberto em Mondevideo a intenção da partida.

Assim se conservou a Colonia, á custa de immensos sacrificios, sendo o resultado de grande vantagem para a causa do Brasil, porque era ella a chave da provincia, notavel ponto de apoió, e importante pelo seu porto fronteiro a Buenos-Ayres.

E' desnecessaria aqui a narração dos incidentes que occorreram em seguida, todos de pequena monta, até que a Colonia foi atacada pelo General Lavalleja, que foi repellido, com perda de muitas vidas na força do seu commando, sendo este o unico resultado da tentativa.

Era já bem diversa a situação, quando, em 25 de fevereiro de 1826 se apresentou W Brown em frente da Colonia, com 6 navios, montando 107 peças, tratando logo de intimar o Governador para que entregasse a praça, ameaçando-o audaciosamente no caso de recusa. São dignos de menção os dous officios dirigidos para este fim ao Governador, e as respostas deste a Brown. Eis o primeiro :

« A bordo da Fragata 25 DE MAIO — Fevereiro 25 de 1826.

« O General em chefe da Esquadra da Republica Argentina, em
« nome do seu Governo, intima o Sr. Governador da Colonia do Sacra-
« mento para que a entregue, com as forças maritimas que se acham
« nesse porto, no preciso termo de vinte e quatro horas, prevenindo o
« Sr. Governador de que, se assim o fizer, serão respeitadas todas as
« propriedades que se acham nessa praça, e não será incendiada a
« povoação, nem os navios.

« O abaixo assignado espera do Sr. Governador que, por huma-
« nidade, para evitar toda a effusão de sangue, accederá a esta in-
« timação, fundada na superioridade das minhas forças no Rio da Prata.

« Sem motivo para mais, saúdo o Sr. Governador com toda a
« consideração.

« Exm. Sr. Governador da Colonia do Sacramento.

W. BROWN.

RESPOSTA.

« Praça da Colonia do Sacramento, 25 de fevereiro de 1826.

« O Brigadeiro dos exercitos Nacionaes e Imperiaes, e Governador

« desta praça, responde em seu nome, e de toda a guarnição que tem
 « a honra de commandar, á intimação do Sr. General em Chefe da
 « Esquadra da Republica Argentina, que a sorte das armas é que decide
 « a sorte das praças. »

« Saúdo o Sr. General em Chefe, com toda a consideração.

« Exm. Sr. General em Chefe da Esquadra da Republica Argentina.

MANOEL JORGE RODRIGUES.

Magoado com esta resposta, tão breve como terminante e desprezadora de intempestivas ameaças, dirigiu-se o General Hespanhol para o porto na manhã seguinte; depois de 4 horas de vivo fogo, tendo Brown perdido um brigue, e achando-se em perigo uma corveta que pegara na restinga de S. Gabriel, içou bandeira branca, e mandou ainda ao Governador segundo officio, do teor seguinte:

« Parece-me que é chegado o momento em que deve ter effeito o
 « offerecimento que fiz ao Sr. Governador, no dia de hontem; por
 « conseguinte espero que immediatamente se decida pela justa intima-
 « ção; quando não, soffrerá toda a severidade que merece a tenacida-
 « de do Sr. Governador.

« Deus Guarde a V. Ex. muitos annos — fevereiro 26 — 1826. »

A insistencia em ponto já discutido, era para Manoel Jorge uma offensa; não admittia elle que, tendo respondido ao primeiro officio, esperassem, em resposta ao segundo, uma opinião contraria á que tinha manifestado tão corajosamente, quando neste se não apresentava nova proposta, nem ideia nova que desafiasse a discussão. Julgou, pois, inutil a continuação da correspondencia, e como a linguagem do adversario o dispensava de formalidades, respondeu verbalmente ao portador do officio:

« Diga ao Sr. General em Chefe, que— O DITO DITO. »

Em seguida a esta nobre resposta, em que se revela o caracter do Governador, rompeu de novo o fogo, que durou ainda mais de uma hora, fundeando Brown, por fim, dentro do porto, mas fóra do alcance da artilheria. Auxiliado por mais duas escunas e sete canhoneiras, tentou um desembarque na noite do 1º de Março; mas foi baldado o esforço, porque tudo estava prevenido, e depois de duas horas e meia de fogo de artilheria e fusilaria, trez das canhoneiras foram aprisionadas, tornando-se cada vez mais duvidoso o triumpho para o attacante. Continuou o fogo, com mais ou menos intervallos, nos dias seguintes, até que, na madrugada do dia 14, resolveu Brown fazer-se de vela para Buenos-Ayres, com perda de cerca de 500 homens, e com grande estrago em todas as embarcações.

A praça perdeu, nesses 16 dias, 23 homens, sendo um Major, e os outros marinheiros e soldados. Feridos, ficaram 2 officiaes, e pouco mais de 50, entre soldados e marinheiros.

Assim terminou esta contenda, em que Manoel Jorge se houve com inaudita coragem, sem a qual nada conseguiria, pela deficiencia de forças da praça, que ninguem julgaria em estado de sustentar semelhante combate, e muito menos de triumphar tão gloriosamente. Em consequencia disto foi nomeado Marechal, por distincção, em 4 de Abril de 1826. Feita a paz em 1828, foi Manoel Jorge nomeado commandante da Divisão de Observações, que devia permanecer em Montevideo para a organização do novo Estado, sendo pouco depois substituido pelo General Soares de Andréa, para ir tomar conta do commando das armas na provincia do Rio Grande, onde a agitação começava a desenvolver-se, infundindo receios, e apontando a necessidade do dominio de um homem activo, corajoso, e de toda a confiança. Apenas chegado a Porto Alegre, deparou-lhe o accaso um ensejo de mostrar a sua intrepidez, e a influencia que exercia sobre os soldados. Amotinara-se o batalhão de caçadores n. 14, que, com as armas na mão, exigia o pagamento dos soldos atrasados.

A presença do denodado chefe, que se apresentou em frente do batalhão, foi bastante para submeter á obediencia os amotinados, que, por sua ordem, se recolheram immediatamente ao quartel, continuando depois a fazer a guarnição, sem que reaparecesse signal algum de revolta.

Em 1830 foi d'ali removido para a provincia de Minas Geraes, onde o precedêra o prestigio do seu nome, sendo por isso bem recebido, e altamente respeitado por todos os partidos, até que, substituido no commando das armas, em consequencia da revolução de 7 de Abril, teve de recolher-se á Córte.

Aqui, collocado em disponibilidade, depois de 37 annos de bons serviços, e redusido ao soldo simples de 110,000 rs. cada mez, viveu por espaço de quatro annos, resignado a soffrer, com sua familia, as privações provenientes da falta de recursos, sem nunca mendigar qualquer emprego, ou commissão, de que podesse auferir vantagens pecuniarias.

Em Janeiro de 1835, julgando terminada a sua carreira publica, tranquillo da consciencia, e sem meios para ostentar a posição a que o elevara o seu merito, requereu a reforma, resolvido a gosar, no remanso da paz, as alegrias domesticas de que havia sido privado em melhores tempos.

Foi esta a resposta ao seu requerimento :

« A Regencia em Nome do Imperador, O Senhor Dom Pedro S.
« guindo, a quem foi presente o requerimento em que V. S. pede re-
« forma, julga acertado não annuir por'ora a tal pretensão; por isso
« que, lembrada dos distinctos serviços por V. S. prestados a este Im-
« perio do Brasil, espera que ainda possa continuar em tão brilhante

« carreira, com o mesmo zelo e lealdade, que lhe darão forças para o
« bom desempenho »

Deus Guarde a V. S. Paço, em 26 de Janeiro de 1835. »

JOÃO PAULO DOS SANTOS BARRETTO.

A opinião que então se formava, da lealdade energia e firmeza de character do nobre Marechal, e de que a Regencia deu tão exuberante prova nessa resposta, foi confirmada pouco depois, com a nomeação que lhe foi dada, de presidente e governador das armas, da provincia do Pará, onde chegou, em virtude desse despacho, em 25 de Junho de 1826, tomando posse no dia seguinte.

A sua entrada na cidade de Belem foi assignalada por um acto de heroismo que não deve ommittir-se. Apoderando-se do castello e do trem, arremessou-se, inerte e desprotegido, sobre as bayonetas dos revoltosos, e conseguiu apagar os morrões das peças, destruindo-lhes assim todos os planos. Dariam assumpto para extensa chronica os acontecimentos que se seguiram, e continuaram em quanto ali permaneceu Manoel Jorge, supportando todos os revezes, sem que difficuldade alguma lhe abalassé o animo.

No dia 14 de agosto foi atacada a capital pelos rebeldes. Os actos de heroicidade ahi praticados pelo capitão Jeronimo Herculano Rodrigues, provaram que lhe girava nas veias o sangue do illustre chefe, que lhe transmittira, com o valor, a lealdade e firmeza de character que o nobilitavam! Ahi morreu gloriosamente, no seu posto de honra, o intrepido mancebo, deixando uma saudade inapagavel no coração do nobre Marechal, que, vendo proximo o fim da sua carreira, folgava de rever-se na sua imagem, tão fielmente representada n'aquelle filho.

A justa dor que dilacerava o venerando pae, que fôra nessa occasião demittido do commando das armas do Pará, inspirou a um distincto poeta brasileiro o seguinte soneto, em que o figura lamentando a sua sorte:

Sempre a teu mando prompto obedecendo,
Hei com meu sangue minha fé sellado;
Arrotei firme, ouvi desassombrado
« Da marcial trovoadá o ruido horrendo: »

Hoje, que á triste campá vou descendo,
Queres-me ver, oh patria, deshonorado?
Dás-me este premio, quando nobre e ousado,
O ultimo bocejar te voto e rendo?

Ah! bem que estou no inverno tenebroso,
A minha espada é cortadora e forte,
O braço duro, o coração brioso!

Mas nem se me permite, indigna sorte!
Que apoz meu filho, intrepido e ditoso,
Alcance ao menos uma illustre morte.

Era inutil aqui a transcripção deste bello soneto, como prova do talento do author, tão justamente admirado pelo genio e pelo saber; mas vem a proposito para mostrar a consideração que merecia o distincto militar ao Sr. Manoel Odorico Mendes, que, pelas virtudes que o adornam, pela nobresa do seu character, honraria o Brasil, ainda que não fizesse echoar na Europa o seu nome como litterato.

Em 1836 regressou o Marechal á Côrte, d'onde sahiu em 1839, para ir tomar o commando do exercito no Rio Grande do Sul. Além dos serviços que prestára nessa epocha, esperava-o ainda a batalha de Taquary, ultima flor colhida pela sua invencivel espada, para a brilhante corôa de gloria que lhe cingia a fronte.

Pertence á historia a descripção exacta e minuciosa dessas guerras, e de muitos, e admiraveis feitos de armas em que se distinguira o Brasil. Não é aqui o seu lugar, nem o permite a exiguidade do espaço; basta dizer-se o necessario para pôr em relevo o merecimento do distincto militar, que conquistara palmo a palmo, todo o caminho que percorrera, ennobrecendo os titulos com que o distinguiam, e as condecorações que lhe assentavam na farda immaculada.

Regressando á Côrte em 1840, foi depois nomeado Governador das armas da Côrte, e ahi permaneceu quatro annos.

Manoel Jorge Rodrigues, Barão de Taquary, com Grandesa, do Conselho de S. M. o Imperador, Conselheiro de Guerra, Gentil Homem da Imperial Camara, Commendador das ordens da Rosa e de S. Bento de Aviz, Official da Ordem Imperial do Cruseiro, Cavalleiro da da Torre e Espada, condecorado com as Medalhas das campanhas da Peninsula e da Cisplatina, com as de distincção de Portugal e Inglaterra, por commando de Corpos em batalhas campaes, e Tenente General do Exercito do Brasil, morreu, no seio da sua familia, e depois de prolongada molestia, no dia 14 de maio de 1845, legando a seus filhos a unica riqueza invejavel: um nome tão prestigioso, que nem o titulo com que fôra agraciado, quasi no fim da vida, o pôde obscurecer. A memoria de Manoel Jorge Rodrigues, é e será sempre reverenciada por quantos presam o verdadeiro merito, e enche de nobre orgulho uma familia que chora ainda a perda do seu chefe, de quem só herdara as virtudes.

Rio de Janeiro — Março de 1863.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

VERDADE E SINGELESA.

(Continuação.)

VII.

Oito vezes as flôres amarellas do ipé, e as palmas vermelhas dos caítés matisaram os valles e as selvas : oito vezes as sapucaieiras alterosas recurvaram ao peso de seus fructos oito annos emfim, sem outomno nem inverno, passaram vagarosos, em continua primavera, e sempre a minha saudade em pé, viva, ora melancolica e suave, ora triste e lacrimosa. Nãc conseguira o tempo apaga-la, nem a ausencia pudera nunca acorrentar o pensamento. A alma gravára em si, feição por feição, a imagem do que perdêra, e não podia o esquecimento, mortalha e cruz do passado, esconder os traços dessa imagem.

Quando os livros me diziam que o habito é tambem natureza, que ha socego e alegrias fóra da patria como ha cantos e melodias no sabiá encarcerado, eu interrogava-me receioso, e o coração estremecido respondia-me depressa : — « Não, não ha »...

E porque não chamaremos lamentos e queixumes ás notas que a avesinha descanta em ferros ?

Que mal ha ahí, para quem lhe roubou os amores e a felicidade, a sombra e os galhos do arvoredado, o murmurio e o espelho do regato, conceder-lhe a tristesa, que é tambem quinhão de innocentes, de quem chora cantando o ninho, os companheiros, o ar, a liberdade ?

Quem comprehende a linguagem das aves ? que sciencia a ensina ? que inspiração a advinha ?

O gorgeio que saúda o nascer do dia, terá as mesmas notas, que a despedida ao pôr do sol ? As queixas do ciume, similarão a alegria dos amores ? os pios que sahem d'entre os ferros, serão iguaes ao canto da liberdade ?

E o que é o *habito* ? essa defeza triste das almas cobardes, esse refugio de animos fracos, que á maneira das arvores alterosas, mas flexiveis da montanha, se curvam ao passar da tempestade, para se erguerem e balouçarem, depois, como se por aquellas alturas atravessassem só as brisas vivificantes da manhã.

Quando o homem alevanta, solda e retempera os pedaços do coração que as dôres deliram, esse homem está morto para o soffrimento.

Quando entre o luto da alma e o frio da sepultura vem sentar-se um instante a estatua gelada do *habito*, nem a alma está morta, nem a sepultura tem paz.

Homens que abandonaes na primeira encosta do vosso calvario a cruz das dôres a que o destino vos condemnou ; não choreis por vós, que não tem merecimentos para o premio, quem não tem coragem para a luta.

VIII.

E' nestas noutes mornas do luar brasileiro, que minha alma é verdadeiramente, profundamente triste. Só, longe do povoado, e aqui ao pé deste silencio protector, respiro e suspiro. O coração do infeliz é egoista. Quer para si só as agonias proprias e consola-se cruelmente, engolfando-se a olhos turvos no proprio veneno de que se alimenta.

A natureza dorme socegada, nesta hora em que, a poesia e a superstição crearam phantasmas e avejões. E' azul o firmamento, são brancas as estrellas, é limpido e transparente o horisonte. Nem a aragem da meia noute levanta uma folha secca, nem cicia na ramagem, nem leva aos rebentos do arbusto inodoro, o perfume roubado ás flôres silvestres. Verdadeira noute de luar dos tropicos é esta. Tudo calma, tudo paz, tudo adormecimento.

Porque não está assim tambem adormecida a minha alma? não será esta a natureza, em que só devem medrar a dôr consolavel, a paixão moderada, o amor sem o delirio, a saudade sem a tristesa ?

Mas aqui dentro deste peito ha um coração que não dorme, uma saudade que não descora, uma dôr que é sempre viva.

Poucas horas mais e toda esta vegetação luxuosa, mas agora abatida, terá o orvalho que revive, vigora e fortalece !

poucas horas mais e esta natureza em calma terá o sol que illumina, doura e vivifica. E' a providencia a sorrir-se e a proteger.

Haverá orvalho, haverá luz para esta alma? Em que labios me sorrirá a minha Providencia?

IX.

Parece que isto é esperanza? E porque o não será? Não é ella, mentirosa ou amiga, que se confunde com a sombra, como esta se confunde com a morte, para ser nossa companheira até ao momento em que a luz da vida se extingue, ou a eternidade se esclarece, até ao momento em que tudo acaba, ou tudo principia?....

Dôres para que não ha nome devem ser as do homem, que tendo perdido tudo, tem tambem a esperanza perdida. Quebrado esse fio, embora tenue e adelgado que prende á vida o coração, não sei que novas dôres ha ahi na terra para martyrio de quem não morre....

Ha pois ainda muita esperanza neste peito, e se é nas noutes pallidas do luar que minha alma mais se entristece, é tambem nestas noutes que o coração enxerga, lá muito ao longe, na mesma consoladora visão, a saudade que diz: « recorda-te » e a esperanza que diz: « espera ».

E o que é a esperanza aos vinte e um annos, ao firmar do primeiro vôo do coração, ao sentir na alma as primeiras aspirações do talento, se não a approximação da mulher que viramos em sonhos, e amavamos por inspiração no canto das aves, no perfume das flôres, no alvorecer da manhã, no entardecer do dia?

Ha pois aqui dentro muita saudade, muita esperanza e muito amor.

X.

Cecilia era o typo brasileiro caprichosamente combinado. Graciosa como a flecha, possuia a flexibilidade do bambú. A' morbidez attrahente de suas irmãs brasileiras juntava Cecilia um quebrar de olhos negros, mais languidos que vivos, mais humildes que imperiosos, que não havia vel-os sem esquecer saudades. A côr da face era tirante ás que dá o vivo da romã destemperado com o descorado do jambo; os

cabellos compridos como os fios da piteira, eram pretos, sedosos e relusentes, o gesto vagaroso como a palavra, a boca breve como um beijo! Toda ella perfeição e brandura...

Disse-me o coração ao vê-la, que Cecilia era a mulher que elle amara em sonhos.

Quando a vi pela primeira vez accordado, era na clareira de uma eminencia; balançava-se Cecilia em vagarosas oscillações, n'uma rede debruada de pennas d'aves, presa aos troncos ondeados de duas palmeiras, que lhe faziam docel com seus leques largos e recurvos.

Reclinada a meio, com os cabellos livres, o collo mal coberto, estendido e abandonado o braço direito fóra da rede, Cecilia fixava attentamente um casal de jurutís que em ternissimos arrullos indiscretamente, innocentemente se namorava ali ao pé, no galho de uma casuarina. O sorriso ligeiro que ás vezes assomava aos labios rosados e frescos da brasileira, quando as avesinhas se perdiam meigamente em devaneios, e o signal de desgosto, de impaciencia até, franzindo as sobrançelhas arqueadas, quando a amante em provocadora pirraça saltava de ramo em ramo, parecia asseverar que aquellas feições tão serenas e tão calmas, se illuminariam rapido com a luz do amor, se o coração algum dia se lhe fizesse amante. Ali dormiam as paixões, como na face lisa do mar dormem os ventos e as tempestades!

XI.

Conheci-me outro, n'aquelle instante. O espaço que sentia vasio no coração tão viçoso de saudades, estava cheio; a anciedade de distinguir o que quer que era que vinha, havia tempos, sentar-se ao pé da minha melancholia, estava satisfeita.

Era, pois, certo que o amor já não era para mim uma palavra sem significação, uma sombra sem corpo, um sentimento sem ideia. Sentia-o, comprehendia-o, achava-me velho na sua sciencia difficil. A perplexidade em que tal momento me deixou, diz se era novo, nobre e espontaneo este sentimento, para mim até então indifinido.

Sereno e agitado, ora contendo o coração, ora animando-o, assim fiquei até que Cecilia, fatigada talvez do descanso, saltou da rede, que pouco depois um escravo veio buscar, e seguiu pelo caminho á beira do qual eu estava occulto detraz

do tronco d'uma embaiba. Ao aproximar-se tive de rodear a arvore para não ser visto. Com tão pouco cuidado o fiz, porém, que o barulho das folhas e o estalido da areia me denunciaram. Cecilia estremeceu, soltou um pequeno grito, e fugiu ligeira e assustada como uma corsa. Não me tinha visto e acertadamente se arreara do veneno d'alguma cobra ou da traição d'alguma onça! De que ella não podia fugir era do homem que a amava com tanta alma e tanto coração.

No dia seguinte, á mesma hora, era eu no mesmo lugar; mas nem Cecilia, nem a rede, nem o escravo! Fiquei triste e corrido, do coração me não ter advinhado isto. Procurei em seguida no caminho que ella devia andar, descobrir se estava sacudido o orvalho da relva, ou entornado o orvalho das flores, e conclui que Cecilia estivera ali n'aquella manhã.

Voltei ainda na madrugada seguinte, e a mesma solidão, a mesma ausencia! Então o orvalho relusia na gramma e nas rosas, como lagrimas de quem chora por quem não vem....

Lembrei-me, então que tudo aquillo fôra um sonho que a imaginação febril creava para regalo de minha mortificação; mas como a rola viuva vae todos os dias ao sitio onde viu cahir ferido o amante, onde viu morrer-lhe a esperança e a felicidade, assim eu ia, mal o sol deixava ver por detraz dos montes os primeiros raios de sua espléndida corôa d'ouro, occultar-me no mesmo lugar, encostar-me á mesma arvore, fixar o mesmo sitio onde ella estivera.

O verdadeiro allivio do coração triste, é a verdadeira substanciação do motivo que o entristeceu...

Lembra-me de ter visto uma tarde, n'um cemiterio, uma mulher ajoelhada sobre uma sepultura rasa, onde só havia uma cruz e flores de mortos. Quando se ergueu, corriam-lhe em fio as lagrimas, pelas faces lividas e magras: « *é a minha unica alegria...* » disse ella, ajoelhando pela ultima vez, para sahir e voltar de novo, na tarde seguinte, áquelle festim de lagrimas.... que recordavam e consolavam....

Assim era eu.

Um dia.....

NINGUEM.

VISITA IMPERIAL

Ao estabelecimento de optica de José Maria dos Reis.

—
'Seeing ignorance is the curse of God,
Knowledge the wing where with we fly to Heaven.

SHAKSPEARE.

—
I.

São bellas e magnificas as conquistas do homem. São grandiosas e sublimes essas escadas lançadas por mãos de gigantes em direcção aos cimos de Deus : são prodigiosas as montanhas sotopostas a montanhas, com que os novos tipheus tentam escalar o céu, e approximar-se do grande centro luz !

Que montanhas ?

Não é sobre o pincaro do Chimboraso a base do Himalaia, o Etna sobre o Ossa, o Ossa sobre o Pelion : — é idéa sobre idéa.

Que conquistas ?

Não são, as que fazem vacillar as raias de um imperio, como a lamina de uma espada, que avança e recua no punho do guerreiro em dia de batalha ; cahir um torrão de terra para um lado, um pedaço para outro ; mudar um throno d'aqui para ali, um nome por outro nome ; uma reliquia por outra reliquia, uma purpura velha por um manto mais novo. o cedro pelo carvalho, o ouro da espada pelo ouro do sceptro, um ducado por uma realeza, a ignorancia do rei pela ignorancia do povo, um pedaço de treva por um pedaço de treva ! A conquista é a do tempo e a do espaço.

E a conquista do tempo e do espaço é a vida, e a vida é o movimento incessante, e o movimento incessante é a liberdade, e a liberdade é Deus.

O homem procura ser livre e approximar-se de Deus.

II.

Antes que o homem arrancasse do seio da terra o ferro, e o fundisse, e o rebatesse, e o estendesse em grossas cordas, arredondando-as de elo em elo a grandes golpes de camartello sobre a incude, e á chamma da fornalha; antes que elle o atasse ao collo, e ao pé de outro homem; antes que elle cavando a terra escondesse em suas entranhas o prisioneiro; antes que elle acamando pedra sobre pedra, suspendesse ao ar o tumulto, aonde sepultasse o morto social, elle estava preso por milhões de nós, aonde se debatia, procurando rompê-los; estava encarcerado em milhões de circulos, no centro dos quaes rugia, procurando quebrar um, para debater-se em outro, mordê-lo, espedaçá-lo, e reduzi-lo a armas com que podesse ferir e levar de vencida com mais trigança, os que ainda tinha diante de si, como o escravo libertado, que do grilhão faz espada com que segura e firma sua liberdade.

Que nós são esses? que circulos o prendião?

Os nós são de treva, os circulos são de treva; a treva era a ignorancia; a ignorancia o prendia.

Mas o dedo, que marcára no espaço a orbita dos astros, que corôara o sol de chammas, que déra magnitude e amplidão ás aguas, que armára e defendêra os animaes com azas, como a aguia, com a força, como o leão, com a agilidade, como o cervo, com o veneno, como a serpente, e que vestira a todos, e deixára o homem nú e mendigo;... soprára-lhe na frente, e só lhe deu esse sopro.

E esse sopro era tudo.

III.

Quando os povos, repetimo-lo hoje, acordando em seus berços de infancia, ergueram-se por vez primeira, o astro da intelligencia apparecia no horizonte da humanidade, e os seus raios desde logo decompunham a natureza bruta, e sujeitavam-na.

O homem, que era um condemnado, que sabia que a vida lá dentro dos muros do Eden fóra um raio de amor pousado na verdura eterna do coração, e que banido d'elle, era uma túnica de fogo, que lhe devorava as entranhas, uma corrente cujo retinir ouvia muitas vezes escapar-se-lhe pelos labios em dolórentos suspiros, pousou fundo a mira na unica força com que o Deus vingador da justiça o dotára, para arcar com a natureza selvagem e robusta, em cujo seio tinha sido lançado inérme e indefeso: — a intelligencia.

Foi essa a força do homem que pôde resistir á força dos elementos, á furia das estações, á sanha dos animaes feroses, e ao eriçado pello de florestas de virginal grandesa que cobria a face da terra e lhe estórvava o passo; foi essa a força que pôde alquebra-los a todos, vence-los e escravisa-los.

Essa força actuou no berço da humanidade ; tem caminhado com o açoutado do Eden através as idades ; trouxe-o do oriente ao occidente : leva-lo-ha do occidente ao céu.

IV.

Essa força prodigiosa e invencível apodera-se de tudo : até um dia apoderou-se do raio e mandou-o carregar o pensamento de paiz a paiz, de oceano a oceano ; e elle docilmente montado em seu corcel de arame faz a viagem do mundo.

Um dia passou o vento rugindo, atirando pó á face do homem, cuspindo-lhe chuviros ; e elle calmo sentou-se a porta do seu lar a olhar para as vastas campinas, e mandou-o soccar o trigo, e substituir-lhe o braço, que tinha fatigado, e queria para mais nobres empresas.

Desde então o vento escravizado vem ao seu tempo, e á sua hora, e ao seu mandado preparar-lhe, docil e acceleradamente, milhares de iguarias para o vasto banquete da vida.

V.

Foi em uma bella manhã agitada por ventos susurrantes e tepidos, tendo ao longe as cumiadas das montanhas a desprenderem-se dos rôlos de algente neblina, e a mostrarem os dentados visos a dourarem-se dos primeiros raios de luz, e quasi a tremarem entre diahpanos rosicleres : sentindo as perolas e os aljofares do coral da aurora, que se rompera, e cahia pela frente das flores, pelas folhas das arvores, pelo musgo, pelo hervaçal despresado, e que concorre a enriquecer, a accidentar, e a dar o seu acre odor ao perfume do campó.... foi em uma dessas manhãs, que um mancebo de cabellos negros, olhos chammejantes, tez pallida, pés ensanguentados, e respiração fadigosa, pedindo ao vento que passava golfadas de ar e fresquidão, que vivificassem um sangue, que o canção, a fome, as emoções queimavam demais, e sopravam em cinza denegrída pelo interior do corpo.... foi em uma dessas manhãs, que um mancebo parou ante o rio, que desdbrava ruidoso pela planicie o branco lençol de suas aguas, e bricando, e lambendo as pedrinhas, e as relvas das margens, espreguiçava-se onduloso por leguas em fora.

Curva a frente, —scismou !

E a scisma, era-lhe noite a toldar-lhe o jaspe da frente ; e o pensamento era-lhe estrella a fixar-se nella, e a illuminal-a.

De repente ergueu-se, e disse para o rio : Vai tu mover a roda do meu moinho : centuplica o meu labôr : é eu pensarei mais vezes ; e mais vezes irei ter com a amada, que fica além do azul d'aquellas montanhas.

E o rio ficou desde então a mover a roda do moinho, agitando-se, rugindo, e fazendo-se branco de espuma.

VI.

A luz, a bella, a impalpavel, a imponderavel, a invencivel, orgulhosa, como a sombra de Deus, estendia seu manto transparente pela cupola do ceu; desfranjava-o na azul amplidão das aguas, brincava desatando feixes de mil raios pelos ribeiros, pelas catadupas rugidoras, como a vós de cem leões, pelas fontes espelhando-se nos prados; descia do viso das serranias ao fundo dos valles, desenrolava-se pelas campinas, e ao vir a noute fugia, e deixava-nos a sós com ella.

Pigmalião um dia roubou o fogo do ceu, e escravizou a luz. Desde então ella serviu o homem silenciosamente, e com seu riso luminoso e merencoreo.

Era pouco ainda.

O homem queria viva a imagem das arvores, do rio do valle, da branca areia da praia, das nitidas conxas que a esmaltão, do mar azul, do campo verde, da sementeira amarella; queria a imagem palpitante do ninho, aonde nascêra, com todas as resplendentes côres da relva, das pennas, dos musgos, que a entretecem... e ainda o gazear do passaro, a flor do ar nas pradeiras, o chilrear da creança cor de rosa e de ouro, irmão do passaro e das flores no halito perfumoso, na virginal belleza, no esvoaçar incessante; a velha mãe scismadora e risonha, tendo as nuvéns brancas do ceu na cabeça: o velho pai austero deixando coar toda a bondade do seu coração atravez de uma ruga destendida; e a formosura timida e casta da irmã corada, como a aurora, debaixo dos cabellos pretos, como a aurora ainda sob os ultimos negrumes da noute, rica de esperanças, resumindo nos olhos a luz do ceu, na face o purpurejar do dia nado, na voz indicisa e cheia de vibrações variadas, como uma musica, o ruido da natureza, no meneio o orçular da seára, no sorrir as alegrias de todos,... e ainda o casal com as portas escancaradas, com as vid. aças erguidas, banhadas de luz, como o coração de esperanças, como o labio de risos:.... o homem queria tudo isto, sempre vivo, infantino, scintillante, esplendido, animado, real, juvenescente, e eviterno. e disse á luz: Pinta-me aquillo tudo.

A luz não ensaiou, como Polygnoto, ou como Apollodoro. Obedeceu o homem, que tinha lutado com o misterio de apresional-a desde Porta a Niepce e Daguerre, e pintou tudo aquillo.

Infelizmente até nos pinta as lagrimas, a côr pallida, a tristesa macillenta, o steppe, o arneiro, o campo de batalha juncado de cadaveres, a ruina, o silencio, a morte.

VII.

O instrumento de Hyarco é substituido pelo de Flavio Gioja. Desfraldam-se com mais ousadia as velas: o galeão atreve-se a sondar o espaço, e a perguntar ás grandes solidões do oceano os seus misterios.

Aproximam-se continentes desconhecidos. Colombo mergulha nos mares, e surge de novo a Palos, segundo a expressão de Hugo, como o pescador de perolas, trazendo essa magnífica e virginal da America em uma das mãos. — Bertold Schwarz já tinha aperfeiçoado o invento de Rogerio Bacon, e descobrira o meio de arrancar dos seus ninhos de pedra as humanas aguias, que viviam ali seguras, e inatacaveis segundo a fraze de Pelletan. Ellas destendiam os olhos pelo horisonte em fóra, vendo alvejar pelas abas dos seus castellos feudaes, pelos declives proximos dos outeiros, ao sopé das fragosas ribas do visinho rio, a surgirem do mar de ouro das espigas balançadas pelo vento, das esmeraldas ondulantes da matta, das espumas nitidas e iriadas das nevoas, que se debruçam e voam em torno das collinas, as choças e os togurios dos seus servos. Mediam com a vista cambiante do abutre as montanhas, que tinham de atravessar no dia seguinte para atacarem um velho barão, que não vestia couraça ha muito tempo, nem enterrava a cabeça vacillante no capacete de aço á sombra do almafre de pennas, nem vestia cotta e jabanettes, nem tinha já pernas para montar a hacanea, nem mãos para segurar a espada; e cujos servos não ouvindo, ha muito a sua voz nos combates, tinham deixado enferrujar a adaga, e apprenderam a dormir em paz a sésta sobre o feixe segado.

Como Aristarco — o astrónomo — accusado de perturbar o repouso dos deoses, Shwarz tinha levado a desordem ao Olympo da idade media.

(Continúa.)

DR. LUIZ DELFINO.



o accordar da Polonia,

E ao terceiro dia a alma deve voltar ao corpo e a nação ressuscitará.

MIKIEWICZ.— *Livro da nação polaca.*

Rompe o sudario, Lazaro dos povos !
 Como aurora de um dia desejado
 Clarão suave o horisonte innunda.
 E', talvez, amanhã; a noite amarga
 Como que chega ao termo; e o sol dos livres
 Cançado de te covir o inutil pranto
 Alguém resurge no dourado Oriente,

Eras livre, tão livre como as aguas
 De teu formoso, celebrado rio; (1)
 A corôa dos tempos
 Cingia-te a cabeça veneranda,
 E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,
 A santa liberdade,
 Como junto de um berço precioso,
 A' porta de teus lares vigiava.

Eras feliz demais, demais formosa;
 A cobiça dos reis no olhar cioso
 Veio enlutar teus venturosos dias...
 Infeliz! a medrosa liberdade
 Em face dos canhões espavorida
 Aos reis abandonou teu chão sagrado;
 Sobre ti moribunda
 Viste cair os feros oppressores...
 Tal a gazella que percorre os campos,
 Se o igneo raio a fere,
 Cahe convulsa de dor em mortaes ancias,
 E vê no extremo arranco
 Abater-se sobre ella
 Escûra nuvem de famintos corvos.

Presas uma vez da ira dos tirannos,
 Os membros retalhou-te
 Dos senhores a esplendida cobiça;
 Em proveito dos reis a terra livre
 Foi repartida, e os filhos teus—escravos—
 Viram descer um véo de luto á patria
 E apagar-se na historia a gloria tua.

A gloria, não! — E' gloria o captiveiro
 Quando a captiva, como tu, não perde
 A alliança de Deus, a fé que alenta,
 E' essa união universal e muda
 Que faz communs a dôr, o odio, a esperança.

Um dia, quando o cálix da amargura,
 Martyr, até ás fezes exgotaste,
 Longo tremor correu as fibras tuas;
 Em teu ventre de mãe, a liberdade,
 Pareceu-te soltar esse vagido
 Que faz rever o céu no olhar materno;

(1) O Niemen. Entre outras peças poeticas que fallam do Niemen, ha um soneto do poeta de que tomei a epigrapha, a respeito do qual diz Christiano Ortrowski: « Ha nesta pagina uma cantilena a que não resiste nenhum ouvido slavo; foi posto em musica pelo celebre Kurpinski. Assim consagrado, o soneto do Niemen correu toda a Polonia, e só deixará de viver quando as aguas do rio de que falla cessarem de correr.»

Teu coração estremeceu ; teus labios
Tremulos de anciedade e de esperança
Buscaram aspirar a longos tragos
A vida nova nas celestes auras.

Então surgiu Kosciusko
Pela mão do Senhor vinha tocado,
A fé no coração, a espada em punho,
E na ponta da espada a torva morte,
Chamou aos campos a nação polaca.
De novo entre o direito e a força bruta
Empenhou-se o duello atroz e infausto
Que a triste humanidade

Inda verá por seculos futuros.
Foi longa a luta ; os homens dessa terra
Ah ! não pouparam nem valor nem sangue !
A mãe via partir sem pranto os filhos,
A irmã o irmão, a esposa o esposo,
E todas abençoavam
A heroica legião que ia á conquista
Do grande livramento.

Coube ás hostes da força
Da pugna o alto premio ;
A oppressão jubilosa
Cantou essa victoria de ignomnia ;
E de novo, ó captiva, o véo de luto
Correu sobre o teu rosto ! Deus continha
Em suas mãos o sol da liberdade,
E inda não quiz que nesse dia infausto
Teu macerado corpo allumiasse.

Atada ao poste ignobil
Da servidão, ó escarneo moscovita,
Mais d'uma vez tentaste,
Polonia, espedaçar tuas cadeias !

Resignada á dor e ao infortunio,
A mesma fé, o mesmo amor ardente
Davam-te a antiga força.
Triste viuva, o templo abrio-te as portas
Foi a hora dos hymnos e das prec-s ; (*)
Cantaste a Deus ; tua alma consolada
Nas azas da oração aos ceus subia
Como a refugir-se e a refazer-se
No seio do infinito.
E quando a força do feroz cossaco

(*) Allude ás scenas de Varsovia, em 1861, em que esse admiravel povo ia aos templos cantar ladainhas sobre a musica dos hymnos nacionaes, a despeito da invasão de tropa armada nas igrejas. E' sabido que por esse motivo se fecharam os templos.

A' casa do Senhor ia buscar-te,
Era ainda resando
Que te arrastavas pelo chão da igreja.

Pobre nação! — é longo o teu martyrio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito has vertido em lagrimas e sangue;
E' propicia esta hora. O sol dos livres
Como que surge no dourado Oriente.

Não ama a liberdade
Quem não sente contigo as dores tuas,
E como tu, não vota um odio eterno
Ao nefando poder das aguias russas;
E não pede, e não ama, e não deseja
Tua resurreição, finada heroica;
Nem ver ainda entre as nações do globo
O nome e a gloria da nação polaca.

Março 1863.

MACHADO DE ASSIS.

DINHEIRO !

(Continuação do n.º 12.)

LIX.

Ergueu-se, enfim, a *Aurora marchetada*,
Os fermosos cabellos espalhou,
Deu bons-dias ao mestre, teve *entrada*,
E o Gama de seus sonhos *acordou*;
Levantou-se d'um pulo, *toda a armada*,
Cada qual a seu modo *se adornou*,
E o estomago, só, sem *alegria*,
Aos couces ás paredes se *partia*.

LX.

Mais juiso tive eu que, *navegando*
 Entre a America e as terras *lusitanas*,
 Comprei, vendi, ganhei, de mim *cuidando*,
 Mesmo em certas empresas *inhumanas* :
 Depois, ricos palacios *habitando*,
 Com grandesas sem fim, mais que *asianas*,
 Tenho sido, por força *do Destino*,
 Como em Constantinopla a *Constantino*.

LXI.

No mundo assim se vive *alegremente*,
 Em doce e reverente *companhia*,
 Escondendo com ouro, no *presente*,
 As nodoas que o passado já *trasia* ;
 Vê-se na adulação fervor *ardente*,
 Afavel nos semblantes a *alegria* ;
 Que é um templo o palacio que *recebe*,
 E onde a gente vadia *come e bebe*.

LXII.

Seja o dono Allemão, Francez, ou *Luso*,
 Não o intenta saber gente *admirada*,
 Que ali, por seu, adopta qualquer *uso*,
 Curvada em submissão, sempre *enleada* :
 No meio da grandesa, este *confuso*,
 Com ficticios desdens aquella *armada*,
 D'onde a riqueza vem, quem lhes *dizia*
 Se da Australia, d'Angola, ou da *Turquia* ?

LXIII.

Do rico o adulator seguir *deseja*
 Os livros de sua lei, *preceito, ou fé* ;
 Quer seja a crença má, quer boa *seja*,
 O que fôr sua crença, tambem *crê* :
 Basta que o protector curvado o *veja*,
 E que, tendo hoje dado, amanhã *dê* ;
 Só quando taes principios não se *usavam*,
 Por cousas d'honra os parvos *pelejavam*.

LXIV

O Gama, o denodado *capitão*,
 Tão pouco deste código *sabia*
 Que tinha encaixilhada a *relação*
 Dos nomes dos **bons homens** que trazia :
 Eu, que pertenceo á nova *geração*,
 A mesma, aqui, na Rússia, ou na *Turquia*,
 Domino a gente fraca, e a *bellicosa*,
 Porque sigo outra lei, grande, *famosa*.

LXV.

A lei tenho d'aquelle a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil ;
 Que domina, por si, todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil :
 Que engrandece a deshonra e o vituperio,
 Que supplanta a moral, por insoffribil ;
 Que d'altas regiões aqui deceo,
 Por subir os mortaes da terra ao ceo.

LXVI.

D'este DEUS-OURO, nobre, alto, infinito,
 Que do fundo da terra já trazia
 O valor que lhe foi mais tarde escripto
 Pelas artes, por ser o que devia :
 O' Honra ! Se tu és (como tens dito)
 Grande, invencivel, qual ninguem seria,
 Com todo o teu poder, vem ! que eu me obrigo
 A dobrar-te a meus pés, como inimigo.

LXVII.

Torno inertes, se quero, os diligentes,
 São, para mim, de cêra as armaduras ;
 Rompo, com leves balas relusentes,
 Malhas finas, e laminas seguras ;
 D'outros metaes as armas diferentes
 A's minhas cedem, porque são mais puras :
 Sou Cupido, se tenho d'ouro aljavas,
 Sou Marte, a guerrear com damas bravas.

LXVIII.

Com dinheiro e ousadia *juntamente*,
 Nunca as leis da moral me são *damnosas*,
 Que não se dobra o rico, e nem *consente*
 Da justiça as vigias *temerosas*,
 De ouro forrado, o heroe, sempre *valente*,
Entre gentes tam poucas, e medrosas,
 Não combate, sôrri-se; e com *razão*:
 Que é fraqueza, entre ovelhas ser leão.

(*Continua.*)

F X. DE NOVAES.



PENSAMENTO INTIMO.

Se me fôra na terra dado, ao menos,
 Na dextra a cruz, na sextra o livro santo,
 O balsamo entornar n'alma ferida
 Dos que vertem na dor amargo pranto;

Sob as vestes sagradas comprimindo
 O constante pulsar do peito ardente,
 Este amor olvidara, que me punge,
 E votara-me a Deus eternamente.

Mas não... nem esse allivio já me resta!
 Nas aras da paixão mundana, impura,
 Despi-me dos adornos da innocencia,
 E d'alma pollui santa candura!

Sim, fôra um crime conchegar ao peito
 Onde estua e referve esta paixão,
 O symbolo sagrado, e o livro santo
 Que o Senhor escreveu por sua mão.

Oh! não! ... não serei eu esse profano
 Que das paixões no manto envolva a cruz:
 — Não deve a mente illuminar-me, a flamma
 Que no cimo do altar brilha e reluz!

A. M. MUNIZ MAIA.

AMOR SEM FIM. (1)

Como se amavam essas grandes almas!
Que verdes palmas que esse amor lhes deu!
Tanto não fôra Julieta amante,
Que tão constante nem o foi Romêu!

Fracções dispersas de partida esphera,
Nenhum dissera ser metade só;
Viram-se um dia — tão iguaes se viram,
Que ali se uniram n'um estreito nó!

Crearam juntos um risonho mundo,
De amor profundo, sem rival aqui;
Ella, só vive de existencia alheia,
Elle, encadeia vida estranha em si.

No chão da vida só pisavam flores!
Que amor! Que amores! Que praser sem fim!
Dizei-me, oh anjos das mansões celestes,
Se lá tivestes um amor assim!

(1) Estes versos foram inspirados pela leitura da seguinte noticia, publicada no Correio Mercantil de 24 de Fevereiro de 1863.

« Hontem de manhã sorprendião a população pelos logares em que passavão, dous coches, conduzindo dous cadaveres ao cêmiterio de S. Francisco Xavier. »

E o povo ignorava que erão dous noivos que, no fim de seis mezes de uma existencia feliz, ião procurar no céu a bemaventurança que na terra não poderião encontrar. Erão o Sr. Pedro José de Araujo Pamplona Côrte Real, pharmaceutico estabelecido á rua do Hospicio n. 117, e sua digna e exemplar esposa a Sra. D. Joaquina Alves de Sousa Pamplona Côrte Real.

« Vendô adoecer seu esposo de uma molestia grave, apoderou-se de grande dôr, contentando-se com fraca alimentação, velando noites inteiras á sua cabeceira e procurando exceder em dedicação a todos aquelles que cercavão o doente. Quando viu perdidas as últimas esperanças, foi tão profunda a magoa, que cahiu como ferida de um raio, cinco horas antes do esposo moribundo, que perguntava por ella, acreditando deixa-la neste mundo; »

« Foi uma scena pungente! »

« Ambos morrerão. Ambos jazem unidos na derradeira morada; ambos gozarão no céu a felicidade eterna. »

« D. Joaquina Alves de Sousa Pamplona Côrte Real foi uma esposa modelo, e o seu coche mortuario, seguindo após o de seu marido, era um verdadeiro carro de triumpho, provando que, em um seculo em que vão apagados os mais puros sentimentos da alma, pôde haver uma interprete sublime do mais puro e elevado amor conjugal. »

Ambos entregues á ventura extrema
Que a lei suprema suffocar tentou,
Cegos, illusos, nem sequer pensavam
Que um ceo sonhavam !... E o sonhar findou !.

Ai !.. Quantas vezes fulgurante dia,
Que á terra envia festival praser,
Lega, ao finir-se, tormentosa noite,
Funesto açoite, que nos faz tremer !

Assim, oh tristes, vosso lindo sonho
Foi tão risonho quanto foi veloz ;
Era loucura !... Ter aqui vivido
Sem n'um gemido desprender a voz !...

Oh ! não, que um dia, sobre escuro leito,
Partem d'um peito gemebundos ais ;
E ao lado a triste, de pavor, de susto,
Domina, a custo, convulsões fataes !

O mundo esquece, que adorou outr'ora,
Que a dor, agora, só a tem de pé,
Toda cuidados, orações, blandicias,
Amor, caricias, caridade e fé !

Baldado esforço !.. que o Juiz Supremo
O dia extremo decretara já ;
Recrescem ancias nos finaes tormentos,
Restam momentos.. que pedir - não ha !..

Aos olhos baços da fiel consorte
O anjo da morte, a voejar, passou...
Já fria, a triste, de pavor transida,
Cahiu.. e erguida... recahiu...ficou !...

E um coro d'anjos, a sorrir, saudava
Mais um que entrava na feliz mansão...
Apoz momentos, sem saber, o esposo
Voava ao goso de eternal junção !..

Fugiram ambos !.. que ao amor que deram
Ambos quiseram immortal tropheo :
Deve quem n'alma tal amor encerra
Morrer na terra, para amar no ceo.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 15 de Março de 1863.

Fallei na minha chronica passada de uma reunião litteraria para instituir leituras publicas. Essa reunião não se effectuou como era de desejar, mas pelo que me consta trata-se de dar começo á propaganda da ideia. Já a applaudi rapida e sinceramente. O que tenho a fazer agora é transcrever aqui a carta pela qual o Sr. A. de Pascual, iniciador da ideia, convidou para a reunião o poeta A. E. Zaluar. Nessa carta vão apontados a utilidade e os exemplos das leituras publicas. O leitor, se é litterato, fica convocado por ella :

« Meu caro Zaluar.

« Forão os primeiros leitores publicos os homens de letras da livre e pensadora Grecia: Platão, Pithagoras e Aristoteles, Epicuro e Homero doutrinaram o povo, nas alamedas, nos jardins academicos e peripateticos, e mesmo mendigando nas mas.

« Esse modo popular de instruir o povo, deleitando-o e acostumando-o ao bello, passou por muitas modificações até atermar-se nas universidades da idade media.

« O brado protestante dos reformadores allemães tornou popular o ensino dos gregos: Lutbéro, Huss, Calvino, Melancton, Sninglio, etc. foram leitores publicos, mas o exclusivismo da igreja Catholica cortou as azas da leitura feita ás massas, e limitou-a ás acanhadas proporções da universidade, do Porto Royal e do templo, contrariando assim as tradicções da sabedoria hellenica e da liberdade christãa. Não deixou ouvir mais as vozes dos Paolos nas praças e encrusilhadas; nem outorgou o direito do livre pensamento, soffocando nas fogueiras publicas da Inquizição as scintellas do espirito humano illustrado.

« A revolução, franceza, o systema constitucional d'ella oriundo, as modificações liberaes porque passaram os seculos 18º e 19º, ressuscitaram esse elemento de propaganda instructiva para os povos; adoptando a raça allemãa e anglo-saxonia, pensadora e livre, o que haviam abafado os dominadores dos seculos baixos e supersticiosos.

« Sem pretender remontar-me aos primeiros tempos da Inglaterra livre — Cromwell —; da Italia dos Macchiavelli, da França de 1793; da Hespanha communeira do seculo 16º — 1520 — e da Allemanha protestante, direi que

na actualidade primam como leitores publicos homens de Estado consumados, litteractos de primeira ordem, clérigos de acentrada intelligencia, e fidalgos de antigos brasões.

Lord Derby, M. Gladstone, lord John Russell e lord Palmerston dão leituras publicas nos nossos dias nos centros populosos da Gran-Bretanha.

Charles Dickens, o romansista inglez por antonomasia, dá-as agora mesmoem Pariz : o sabio Dr. Simons, allemão, fez em 1850 uma pingue fortuna nos Estados-Unidos ; Kossuth, o governador da Hungria em 1848, o abbade Gavazzi, o celebre padre Ventura e muitos outros não menos conhecidos talentos deram e dão leituras em Pariz, Londres, nos Estados-Uuidos, na Italia e mesmo na pantheista Allemanha, onde esta classe de instrucção popular tem alcançado o auge da popularidade.

V. sabe que nos Estados-Unidos, na Inglaterra e nas grandes cidades allemãs são preferidas estas leituras de viagens, novollas, biographias, historia e sciencias aos theatros, athenêos e templos, devendo-se notar que o povo paga por ouvir os leitores com maior gosto do que para assistir gratis aos templos e academias.

« As vantagens derivadas d'estas leituras são immensas e eminentemente populares, e ao seu talento deixo o desenvolvimento de tão interessante topico.

« A industria intellectual não póde por emquanto, — balda de fervorosos apóstolos, — arcar com o charlatanismo dos especuladores da materia, tradusido em divertimentos publicos ; mas, tende fé na intelligencia e lutae com denodo para tornar familiar entre as massas a instrucção de que tanto carecem para apressar no seu justo valor a propria dignidade de seres intellectuaes e livres. »

Dizer mais e melhor relativamente á idéa me parece trabalho vão. Ah! entrego essas linhas á reflexão do leitor.

Tenho presente dous livros ; ambos novos, ambos portuguezes. Um é o *Esboço historico de José Estevão* por Jacintho Augusto de Freitas de Oliveira. Escrupulos de consciencia me fazem confessar a verdade, e vem a ser que eu deste volume não li mais do que uma duzia de paginas. Se isto não basta para julgar da fidelidade com que o autòr apreciou os acontecimentos politicos que cercam a vida de José Estevão, é sufficiente para adquirir-se a certeza de que o finado orador portuguez encontrou no seu biographo o mais sincero e entusiasta admirador dos seus talentos e das suas grandes qualidades politicas.

Notarei que o Sr. Freitas de Oliveira não se illudio sobre o dever que lhe incumbia a resolução de escrever sobre José Estevão ; e é de ver-se a honestidade com que no prologo declara que não lhe vão exigir imparcialidade porque escreve com as lagrimas nos olhos pela perda do amigo.

O volume contendo quatro centas paginas, encerra alguns fragmentos dos admiraveis improvisos de José Estevão. Relendo essas paginas, desentranhadas do todo das orações, e trasidas para o livro, na ordem dos successos, mais uma vez se vê quanto perdeu a tribuna politica de Portugal na morte do fundador da *Revolução de setembro*.

A affeição que o Sr. Freitas de Oliveira protesta no prefacio da obra é confirmada nas poucas paginas que li, tal é o respeito e a admiração filial com que o autor falla do extincto orador. As suas excusas litterarias é que se não confirmam; o livro me parece bem escripto; e para concluir accrescentarei que certas considerações geraes que acabo de passar pelos olhos notam-se tanto pelo fundo de verdade, como por certa asperesa de tom perfeitamente cabida no que falla em nome da probidade e da coherencia politica.

O outro têm por titulo *Luz coada por ferros*. E' uma serie de romances da Sra. D. Anna Augusta Placido. Traz na frente o retrato da autora.

Má idéa essa, que previne logo o espirito em favor da obra, por não poder a gente conciliar a idéa de menos boas produções com tão intelligentes olhos. Felizmente que a leitura confirma os juizos antecipados. A Sra. D. A. Placido é o que della disse o Sr. Julio Cesar Machado no prefacio da obra, para o qual remetto os leitores.

A sensibilidade é o primeiro dom das mulheres escriptoras; a autora de *Luz coada por ferros* possui esse dom em larga escala; ha periodos seus que choram e fazem commover pelo sentimento de que se acham repassados; outras vezes a escriptora compraz-se em nos fazer enlevar e scismar.

E', talvez, por isso que não tomei nota, se os ha, dos senões do livro. Do nome e da obra tomei nota como obrigação firmada para futuros escriptos. Uma mulher de espirito é brilhante preto; não é cousa para deixar-se cahir no fundo da gaveta.

Estou no capitulo das escriptoras. Depois da portugueza ahi vem a brasileira, contemporaneas no aparecimento, para confirmar na ordem litteraria, a coincidencia que se verifica muitas vezes na ordem politica entre os dous paizes.

Com o titulo de *Gabriella*, representou-se ultimamente no Gymnasio um drama da Sra. D. Maria Ribeiro. Circunstancias especialissimas não me permittiram assistir a essa estréa, o que não importou nada a certos respeitos, visto que eu já conhecia a peça em questão.

Fez-me a Sra. D. Maria Ribeiro a honra de communicar a sua peça antes da exhibição scenica. Transmitti-lhe as minhas impressões em uma carta, impressões e não juizo, que tal não me cabia na occasião fazer. Essas impressões foram das melhores, e, se não me fosse faltando espaço, as reproduziria aqui succintamente.

A esta hora terão as grandes folhas dado o seu juizo ácerca da peça; creio que serão unanimes e accordes comigo, salvo meros reparos de promeniores.

Dando sinceros parabens á Sra. D. Maria Ribeiro e á litteratura nacional, conto e espero, como espera a segunda, novas e cada vez melhores irmãs de *Gabriella*.

MACHADO DE ASSIS.

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

COLLABORADO POR VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.

Afinça-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

Condições da assignatura.

Para a Corte 15\$000 — Para fóra da Corte e Provincias 17\$000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO OUVIDOR N. 46, 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp. .
Cunha Irmãos & Comp.
Luiz Augusto de Oliveira
Joaquim Baptista Moreira
Silva & Costa . .
Francisco Luiz Ribeiro
Joaquim Alves Leite . .
J. J. de S. Ayram Martins
Felizardo Toscano de Brito
José Gonçalves Guimarães.
A. L. Garraux
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.
Pernambuco.
Maranhão.
Pará.
Rio Grande do Sul.
Pelotas.
Porto-Alegre.
Santos.
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
Vassouras.